

EWGENIE (ERWIN) BERCOVICI¹

(CZERNOWITZ, ROMÊNIA, 1928)



Ewgenie Bercovici, São Paulo, 03.06.2011.
Fotografia de Lilian Souza.
Acervo: Bercovici /SP; Arqshoah-Leer/USP

¹ Entrevista concedida por Ewgenie Bercovici à Luba Schevz e Lilian Souza. São Paulo, 03.06.2011. Texto transcrito por Luba Schevz, Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Pesquisa complementar por Blima Lorber.

As lembranças mais fortes que simbolizam a passagem pela Shoah foram a fome, o frio, o medo que senti na Sibéria.

1. Minha vida na Romênia

Nasci na cidade de Czernowitz², na Romênia, no dia 2 de maio de 1928. Minha família era composta por meu pai cujo nome era Mano Bercovici, nascido na cidade de Maramoresh Sighet (Hungria), hoje Sighetu Marmatiei, e minha mãe Elze Meiselmann, nascida em Viena (Áustria). Éramos dois irmãos e o mais velho chamava-se Karl. Meus avós paternos chamavam-se Haim e Berla e eram fabricantes de móveis. Não me recordo dos nomes de meus avós maternos.



Czernowitz, hoje na Ucrânia., cidade de nascimento de Eugênio Bercovici.
Google Maps

Czernowitz era a mais importante cidade da região de Bucovina³. Lá havia

²Czernowitz é uma cidade ao norte da Romênia e sudeste da Ucrânia, às margens do rio Prut, um afluente do rio Danúbio. A cidade tem uma população de 255.084 (2013), sendo considerada um dos maiores centros culturais da região. A cidade pertencia ao território romeno, mas ao término da Segunda Guerra Mundial passou a pertencer ao território ucraniano.

³ Em 1916, a Romênia entrou na Primeira Guerra Mundial ao lado da Entente e, após o conflito, os Impérios Austro-Húngaro e Russo haviam terminado. Neste momento, surgiu a Romênia englobando as

muitas sinagogas, parques, teatros e faculdades. Meu pai era representante atacadista na Romênia, Hungria e Iugoslávia. Vendia e exportava sapatos “Bata”, marca conhecida, e viajava para comercializá-los na Tchecoslováquia, Romênia e outros países. Esta posição complicou a nossa vida a partir do momento em que a União Soviética se impôs na região.

Tenho boas lembranças da minha terra de origem, antes da guerra. A cidade era muito limpa e bonita e morávamos em uma bela casa. Nossa vida econômica era muito boa. Eu estudava em escola pública. Na cidade havia muitos alemães, judeus e naturalmente romenos. O relacionamento era muito bom entre todos e não havia antissemitismo.

2. A ocupação da Romênia pelos russos

Nossa vida começou a mudar em 1939 quando foi assinado o *Pacto de Molotov-Ribbentrop*, entre a Alemanha e a União Soviética, demonstrando, entre outras coisas, que havia "interesse" soviético na Europa. No ano seguinte, em 1940, os soviéticos entraram e ocuparam as regiões de Bucovina, Estônia, Látvia e Lituânia e metade da Polônia, em consequência desses tratados. Stalin queria ocupar a Europa. Nesta mesma data os russos ocuparam Czernowitz. Deportaram 80% da população geral pois pretendiam colocar grupos militares com suas famílias no lugar do povo que lá havia nascido. Separaram todos os homens da sociedade romena a partir dos 18 até os 54 anos que seriam enviados à Sibéria. As mulheres, os velhos e as crianças ficaram presos por três meses e depois foram levados em trens de gado para a Sibéria. Em cada estação retiravam os mortos, pois as condições da viagem eram péssimas.

Em Tomsk, colocavam de 1000 a 1200 pessoas em navio de carga e os levavam pelo Rio Vasyugan dirigindo-os para a Sibéria. O navio parava em alguns lugares, deixando as pessoas em local onde existiam somente 8 a 10 casas. O verão dura três meses e a temperatura chega na Sibéria a menos de 50° negativos. Buracos foram feitos na terra e

regiões da Transilvânia, Bessarábia e Bucovina, mantendo a forma de uma monarquia constitucional liberal. A Guarda de Ferro explorava o medo ao comunismo interferindo no imaginário coletivo, instigando a população a posicionar-se contra a dominação estrangeira e judaica. Em 1938, o rei Carlos II dissolveu o governo e instituiu um governo autoritário com curta duração.

cobertos com palha. Por uma abertura no teto saía a fumaça de um fogo que nos aquecia. Algumas pessoas se acomodaram no curral de porcos. 80% das pessoas no primeiro inverno morreram só receberam sepulturas na primavera.

A comida era pouca. Eu estava com 12 anos, meu irmão com 14 e minha mãe muito doente. Em 1940, meu pai foi preso e julgado por três pessoas da política russa e levado para um campo de trabalhos forçados. Teve sorte ao conhecer um judeu médico que o ouviu seus gemidos entre os mortos e levou-o para trabalhar. Assim ele conseguiu comer e sobreviver. Após cinco anos de prisão disseram ao meu pai que ele estava livre, mas sem direito de voltar a Czernowitz. Querendo encontrar minha mãe e a nós, seus filhos, papai escreveu para alguma instituição em Moscou que lhe informou que somente poderia encontrar a família se fosse até a Sibéria. Permaneceu dois meses em Moscou para pedir sua saída do país, mas sempre recusaram.

Nesse ínterim, ele conheceu a empregada do ministro Molotov, próximo a Stalin, que conversou com Polina Zhemchúzhina, a esposa de Molotov que prometeu verificar a situação da família e liberar a saída da família da Sibéria. Depois de oito dias, ela foi presa como “inimiga do povo” e Molotov não conseguiu libertá-la.⁴

Depois de meses em Moscou, eu fui para o Cáucaso, onde estava meu pai. Não tinha condições de fugir, pois o único meio de fuga era através do rio que, por azar nosso, estava controlado por policiais. Algumas pessoas conseguiam fugir pelos 200 km de floresta. Os nazistas aprenderam com os russos a torturar e matar. Os russos continuaram a matar em massa, mesmo depois da guerra. Amarravam as pessoas nas árvores para serem comida pelos insetos que deixam alí apenas os esqueletos. Soube que apenas um destes conseguiu se salvar nadando pelo rio. Assim conseguiu chegar a Tomsk. Por milagre ele saiu da Rússia pela China. Outra forma usada pelos russos como tortura era pendurar a pessoa de cabeça para baixo ou mesmo sentá-la em uma cadeira com pingos de água caindo incessantemente no mesmo lugar. A pessoa era levada à loucura. Meu pai contou-me essa tortura.

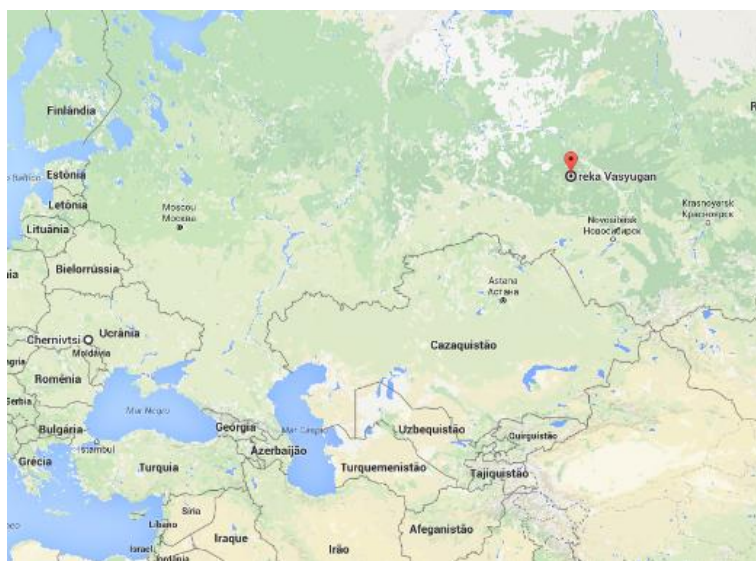
Com a invasão dos russos na Romênia, meu pai foi preso e não sabíamos para onde ele havia sido levado. Meu pai foi para a prisão ao ser denunciado por portar uma arma e

⁴Polina viveu até 1970. Ver: http://wikivisually.com/languages/wiki/Polina_Zhemch%C3%BAzhina). Consultado em 24.06.2017.

por ser “um capitalista que não aceitava o regime político”. Diante desta ocorrência, minha mãe, meu irmão mais velho e eu ficamos escondidos até 1941 na casa de um vizinho que nos aconselhou a procurar meu pai na Sibéria. Resolvemos seguir este conselho. Não guardo o nome desse vizinho, mas lembro-me que a nossa vida no esconderijo era muito difícil. Tínhamos conhecidos que nos traziam comida. Foi uma ano horrível.

3. Nossa vida na Sibéria

Entramos em um trem de gado que ficou parado na estação por mais ou menos três meses até começar a viagem que durou 50 dias à Sibéria. Apenas 25% dos passageiros chegaram vivos ao destino. Chegamos perto de Tomsk, no rio Vasyugan, e dali fomos levados ao norte da Sibéria até Katalga, onde 280 pessoas foram colocadas para morar em oito casas e 120.000 em outros locais (ver anexo). Katalga fica no norte da Sibéria, sendo que Vasyugan era o centro dessas aldeias. Estavam sob a vigilância da KGB como a Estônia, Látvia e Letônia, países próximos ao Báltico.



Localização de Czernowitz (atual Ucrânia) com a marcação do rio Vasyugan nas proximidades de Tomsk. Desta região, a família Bercovici foi levada para o norte da Sibéria até Katalga.

Google Maps

O rio Vasyugan era o único meio de comunicação e no inverno ficava coberto de gelo. Nos arredores havia pântanos. Eu era ainda uma criança, mas tinha que ajudar minha mãe no que eu podia: pescava, tirava o gelo e trabalhos do campo, como cortar árvores e com os troncos levantar uma parede. Quando esta atingisse dois metros, recebia um

pequeno pedaço de pão. Trabalhava 12 horas por dia. Para não morrer de fome, eu cavava a terra em busca de alguma batata que sobrara do ano anterior ou o que a gente plantava. Ficamos lá e somente após 10 meses conseguimos a liberdade para chegar à cidade de Tomsk.

Nesta época, portanto em 1942, eu estava com 14 anos. Caminhei a pé 300 km até Vasyugan a pé e lá comecei a estudar. Lá permaneceram minha mãe e o meu irmão que, apesar de adoentado estudou contabilidade. Até então, não conseguimos saber onde meu pai estava. Mais da metade da população não tinha o que comer. Muitas pessoas comiam um tipo de capim que se chamava *crapiva* e que poderia levar à morte. Lembro-me que os pés ficavam inchados.

4. Liberdade após a guerra

Em 1946, liberaram meu pai da prisão que veio ao nosso encontro. Ele nos contou que o canal entre o rio Volga⁵ e o Don havia sido construído pelos prisioneiros de um campo de trabalho que ficava perto da prisão onde ele estava. Ali, ele trabalhou cortando madeira desde as 7 horas da manhã até às 22 horas da noite. Não sabe como sobreviveu, pois passou fome, frio e ficou muito doente. O governo russo soltou-o da prisão depois de cinco anos, dizendo que haviam cometido um engano com sua sentença e que, a partir de então, ele poderia ter uma vida livre, mas sem sair da Rússia.

Durante cinco anos, entre 1945 a 1950, trabalhei e estudei. Consegui me formar e ter o direito de sair da Sibéria. Em companhia do meu pai fui para o Cáucaso, sul da Rússia, onde o clima era mais quente. Minha mãe e meu irmão continuaram na Sibéria. Cheguei a visitar Moscou em 1953, quando eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Fiz várias faculdades e, em todas elas, formei-me com louvor. Não consegui tirar minha mãe e meu irmão da região na Sibéria. Somente nos reunimos na Sibéria em meados da década de cinquenta, quando meu pai faleceu. Meu irmão trabalhava como contador e eu, por ser formado pela Politécnica em Elétrica e Mecânica, consegui emprego em uma empresa semicondutora de componentes eletrônicos.

Em 1955 tive notícias de uma tia, irmã de minha mãe, que morava na Alemanha na

⁵ O Rio Volga, com seus 3.688 km de extensão, é o rio mais longo da Europa. Nasce no planalto de Valdai, no norte da Rússia, corre pela planície Russa e deságua no Mar Cáspio.

cidade de Darmstadt. Seu nome era Helena Toker. Resolvemos ir para lá e, a partir deste ano, passei a trabalhar na *Siemens*. Em 1956, fui para Paris e trabalhei com Niki Mainterman, que também sobreviveu à guerra. Em Paris, conheci Bela Fleider, minha então futura esposa, com quem me casaria no Brasil em 1976. Ela era médica oftalmologista e minha tia Helena a conhecia. Ela se formou na Rússia e passou a guerra em um campo de concentração na Transnístria. Seus pais vieram ao Brasil antes da guerra e nós seguimos este mesmo caminho.



Foto de Passaporte de Ewgenie Bercovici, Darmstadt, Alemanha, com data de 1974 a 1980.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Bercovici /SP; Arqshoah-Leer/USP

REGLEMENT		ALLIANCE FRANÇAISE
<p>1. Cette carte est personnelle. Elle doit porter la photo du titulaire. Sa présentation peut être exigée par l'administration de l'Ecole. Les étudiants sont donc tenus de l'avoir constamment sur eux.</p> <p>2. Droits de scolarité. — a) Les étudiants doivent acquitter les droits de scolarité mensuels dans les délais précisés par le Secrétariat de l'Ecole. Quand ces délais sont dépassés, l'accès des classes est interdit aux étudiants qui n'ont pas réglé leur situation.</p> <p>b) Les droits de scolarité versés ne sont pas remboursés.</p> <p>c) L'inscription pour un demi-mois (15-30) est une mesure de faveur prise à l'égard des nouveaux étudiants seulement.</p> <p>3. Changements d'horaire : Les étudiants qui désirent changer d'horaire doivent s'adresser en salle 11.</p>	<p>4. Changements de classe :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Les étudiants qui désirent aller dans une autre classe de même niveau doivent en faire la demande au Directeur. • Ceux qui, sans changer de degré, souhaitent aller dans une classe d'un niveau supérieur doivent joindre à leur demande l'accord écrit de leur professeur. <p>5. Examens de passage. A la fin de chaque degré, les étudiants subissent dans leur classe, à une date indiquée à l'avance, un examen de passage. Seule la réussite à cet examen leur donne le droit d'accéder au degré supérieur.</p> <p>6. Les attestations d'assistance à nos cours ne peuvent être délivrées qu'après un mois de présence.</p>	<p>101, boulevard Raspail 75270 PARIS 14^e arrondissement Tél. 273 23 24</p> <p>Ecole Internationale de Langue et de Culture Française Boulevard Raspail 1975 - 1976</p> <p>Nom : <i>Bercovici</i> (M. - Mme - Mlle)</p> <p>Prénom : <i>Ewgenie Eugenie</i></p> <p>Nationalité : <i>Allemand</i></p> <p>Né le : <i>2/5/28</i></p> <p>CARTE D'ETUDIANT N° 299094</p> <p>ALLIANCE FRANÇAISE Ecole Internationale de Langue et de Culture Française Boulevard Raspail Paris</p>
<p>CERT. DEM. le <i>17-9-75</i></p> <p>Remis le <i>24/9</i></p> <p>CERT. DEM. le</p> <p>Remis le</p>	<p>CERT. DEM. le</p> <p>Remis le</p> <p>OBSERVATIONS</p>	

Carteira de estudante de Ewgenie Bercovici
Escola de idioma: Alliance Française, Paris, 1975-1976
Acervo: Bercovici /SP; Arqshoah-Leer/USP

5. O Brasil como pátria de acolhimento

Chegamos no Brasil em 1960, país que escolhemos para morar porque Chaya Bela Fleider, que viria a ser minha esposa, tinha aqui muitos parentes desde 1938, dentre os quais seus pais Baruch e Sima Fleider, e seus irmãos. Meu irmão Karl continuou residindo na Alemanha onde permanece até hoje. Chaya Bela, até então, residia em Haifa, à rua Madrigot Shukri, n.8, sendo seu passaporte emitido pelo Estado de Israel e o seu visto em caráter permanente liberado pela Embaixada do Brasil em Tel-Aviv, datado de 24 de março de 1960.

5

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Chaya Bela Fleider**
Admitido em território nacional em caráter **PERMANENTE**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. **9ª** letra **---** do dec. n. **7967**, de 1945
Lugar e data de nascimento **Rumânia, 19-11-1930**
Nacionalidade **israelense** Estado civil **solteira**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Baruch e Sima Fleider**
Profissão **medica**
Residência no país de origem **Haifa, rua Madrigot Shukri, 8**
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **171884**, expedido pelas autoridades de **Min. Int. do Estado de Israel**, na data **17-2-1960**
visado sob n. **87**

ASSINATURA DO PORTADOR
Chaya Fleider

Embaixada do Brasil
em **Tel-Aviv** de **24** de **março** de 19 **60**
o encarregado do serviço consular: *[assinatura]*


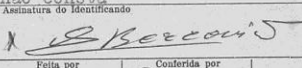


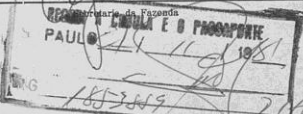

SÉLO SÉ CONSUI

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha Consular de Qualificação de Chaya Bela Fleider, ainda como solteira. Tel Aviv, 24 de março de 1960.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Conseguimos vir ao Brasil através de uma tia de Chaya Bela e também porque a Rússia começou a facilitar a saída. No meu passaporte constava ainda que eu não possuía cidadania, retirada pelo governo russo por ocasião de minha passagem pela Sibéria. Somente em 11 de agosto de 1981 é que consegui reaver a minha cidadania alemã deixando de ser um “apátrida”, conforme pode ser constatado na minha Ficha de Identificação emitida pela Secretaria de Segurança Pública.

Nome Ewgenie Erwin Bercovici		SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO		
Pai Mano Bercovici		R. E. 987.197		
Mãe Elze Bercovici		18344		R. G. 10.994.605 FICHA DE ESTRANGEIROS F. E.
Nacionalidade ALEMÃ		Naturalidade Cidade Czernowitz Ucrânia		
Estado Civil casado		Data de Nascimento 02/05/1928		Residência Rua Visc. de Ouro Preto 51 apt 141 Empresa em que trabalha Siemens S/A
Grau de Instrução superior		Profissão Engenheiro		
Sexo masculino		Cabelos Grisalhos		Endereço da Empresa Av Mutinga 3650 V Jaguara
Altura 1,70		Olhos cast		
Sinais Particulares nao consta		Cor da pele branca		Local de Desembarque Sao Paulo
Assinatura do Identificando 		Data 09/10/1976		
Feita por 		Conferida por 		Caráter do Desembarque permanente
Visto 10/17/81		Documentos 2ª via M19		
		Orgão de Origem Protocolo		Protocolo Sede 
OBSERVAÇÕES: Processo MJ nº 21.583/81 - despacho de 11.08.81 - deferindo o pedido de Retificação nos Assentamentos de EUGENIE ERWIN BERCOVICI da menção de sua nacionalidade APATRIDA para ALEMÃ. São Paulo: 17.11.81.		FOTO 3 x 5		

Ficha de identificação de Eugenie Erwin Bercovici. São Paulo, 14.11.1981. Secretaria de Segurança Pública. Fundo Deops/SP. APESP. Acervo Arqshoah-Leer/USP

Fiquei separado do meu pai por 22 anos. Após a guerra, o governo polonês emitiu passaportes para ele e a minha mãe irem a Israel viajando em avião especial como parte de um programa articulado para tirar judeus da Polônia em 1959. Anos depois, minha mãe veio para o Rio de Janeiro. Apesar de Israel estar aberto aos judeus de todo o mundo, nós preferimos viver no Brasil. Tive que revalidar os meus diplomas e aprender o português (brasileiro) para me situar em São Paulo. Eu viajei de avião da Alemanha para São Paulo e Chaya Bela, minha futura esposa, também saiu de Tel Aviv com esse mesmo destino. Passou depois dez dias na Espanha, onde ela iria participar de um congresso de Medicina. Depois embarcou para São Paulo.

Deixo aqui a minha mensagem para as novas gerações, pois devemos aprender com as histórias dos sobreviventes. As lembranças mais fortes que simbolizam a minha passagem pela Shoah foram a fome, o frio, o medo que senti na Sibéria. Temia o antissemitismo dos oficiais que tive contato nas diversas fases da minha vida. Assim, entendo que devemos valorizar cada partícula de nossa sobrevivência, cada dia sem fome e sem medo.